

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
PRÊMIO CLAUDE LÉVI-STRAUSS – MODALIDADE B

Nome do candidato: Lilian Alves Gomes

Instituição onde foi desenvolvida a pesquisa (universidade, laboratório/núcleo de pesquisa, departamento/curso de graduação): Departamento de Sociologia e Antropologia (SOA) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Nome do orientador: Daniel Schroeter Simião

Título do trabalho: Pe. Libério, o Santo do Oeste Mineiro: notas etnográficas sobre atribuição de santidade

Resumo: Este artigo versa sobre a atribuição de santidade ao Pe. Libério (*1884-1980†), sacerdote que viveu em várias cidades do interior de Minas Gerais, gozou de fama de milagreiro ainda em vida e hoje é buscado como santo por milhares de devotos. Trata-se de uma síntese das reflexões desenvolvidas em minha monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais, defendida na UFMG em julho de 2008, que problematizou como sentidos universais e hierárquicos característicos à Igreja Católica são vivenciados localmente na atribuição de santidade ao Pe. Libério. Nessa direção, a etnografia focalizou a relação articulada entre as práticas devocionais observadas e a oficialidade católica, de modo a possibilitar a reflexão sobre as inúmeras implicações que derivam do fato de os processos de canonização consistirem em reconhecimento e não em criação da santidade pela hierarquia da igreja.

Pe. Libério, o Santo do Oeste Mineiro: notas etnográficas sobre atribuição de santidade

Inúmeros milagres são atribuídos ao Pe. Libério. Os relatos dos primeiros datam de quando ele ainda era vivo e multiplicaram-se após sua morte. Quando, em 1945, o sacerdote¹ chegou em Leandro Ferreira - na época um pequeno distrito² pertencente à cidade de Pitangui - sua fama de milagreiro já era corrente nos arredores, principalmente nas cidades onde havia atuado anteriormente.³ Conta-se de águas que brotaram após suas bênçãos e garantiram a colheita em muitas lavouras da região. De pessoas loucas que lhe chegaram amarradas, tamanha era a agressividade das mesmas, e que saíram mansas como o padre que lhes benzera. E de curas e muitas outras graças...

Nos quase vinte anos (1945 – 1965) vividos em Leandro Ferreira as atribuições do primeiro vigário do local foram muitas: Pe. Libério construiu a igreja-matriz, foi professor na escola, atendia às confissões, ia a fazendas e sítios da região para realizar benzimentos, administrar o sacramento da extrema-unção e celebrar missas e casamentos (ETELVINO, 1989). Os relatos também remontam à sua atuação como médico que “libertava das doenças do corpo e da alma” (SILVA, 2005: 57), que promovia a “liberação do maligno contra pessoas assediadas” (ETELVINO, 1989: 117). Nessa direção, Pe. Libério é também descrito como “exorcista”: retirava “espíritos ruins” e “demônios das pessoas”. Ademais, era “adivinho” e “recebia muita visão” (ANTÔNIO, 1997).

Em 1965 Padre Libério mudou-se para Pará de Minas – MG, cidade na qual viveu até 1980, quando passou a residir em Divinópolis – MG. O sacerdote faleceu em 21 de dezembro daquele mesmo ano, aos 96 anos. Antes da triste notícia, as autoridades

1 Libério Rodrigues nasceu em 1884, em Lagoa Santa - MG. Os estudos sacerdotais foram iniciados em 1906, na cidade de Mariana - MG. Ordenou-se padre aos 32 anos, em 25 de abril de 1916 (MEIRELES, 2004).

2 Leandro Ferreira se emancipou em 1963. A cidade fica a 150 km de Belo Horizonte. Atualmente possui 2.955 habitantes e área territorial de 355 km². Fonte: <http://www.ibge.com.br/cidadesat/default.php>. Estive na cidade em quatro oportunidades - de 29/09/07 a 02/10/07, 15 a 17/11/07, 18 a 20/01/2008 e 18 a 20/03/08. O trabalho de campo ocorreu concomitantemente à minha graduação, o que acarretou sua curta duração, também condicionada pela falta de financiamento para a pesquisa. No entanto, no intervalo entre as visitas estive em contato via telefone, correspondências e internet com pessoas que me enviaram preciosas informações e que assim reduziram as lacunas entre as visitas intermitentes.

3 A saber: Pitangui (1916 - 1924), Pequi (1924 - 1929), Cercado, atual Nova Serrana (1929 – 1936) e São José da Varginha (1936 - 1945).

políticas e religiosas da região já debatiam qual cidade receberia seu corpo, visto que ele havia passado por muitas e era fortemente querido por todas (ETELVINO, 1989; MEIRELES, 2004). O desfecho foi definido através de reunião do bispo e membros do clero da diocese, que decidiram por Leandro Ferreira.

Leandro Ferreira e o Santo de Casa

O grande número de pessoas que buscava Pe. Libério em vida passou então a visitar seu jazigo. Leandro Ferreira não seria mais a mesma. Ir à cidade se tornou sinônimo de “ir no Pe. Libério”. O afluxo de pessoas⁴ a Leandro Ferreira fez com que espaços da cidade recebessem o status de sagrados. O primeiro deles foi o cemitério, localizado atrás da igreja matriz. Frente à excepcionalidade conferida ao túmulo de Pe. Libério, foi erguida uma capela para abrigá-lo. Assim, os romeiros e devotos passaram a ter acesso ao túmulo a partir da rua, sem precisar adentrar o cemitério. Nas laterais da capela há duas fontes das quais os visitantes retiram a “água do Pe. Libério” a todo momento para beber no local ou em casa, bem como para regar plantas ou dar aos animais.

Em frente à capela foi construído o Museu do Pe. Libério, por iniciativa da Associação de Amigos de Pe. Libério – ASAMPEL⁵. O local conta com uma Sala dos Milagres; um vão central onde há bancos em formato semelhante aos de uma igreja, rodeados de produtos religiosos⁶ à venda e urnas funerárias indígenas⁷; uma sala onde

4 As caravanas são comuns em dias de festa tradicionais na cidade, tais como a do padroeiro São Sebastião (20 de janeiro) e a de Nossa Senhora do Rosário (7 de outubro); mas principalmente naquelas dedicadas especialmente ao Pe. Libério. Estas são uma “Moto Romaria”, que acontece geralmente em maio; a “*Cavalgada da Fé*”, que ocorre em sua data de nascimento (30 de junho); a comemoração do “*aniversário de morte*” (21 de dezembro), e uma “*Caminhada da Fé*” realizada no primeiro domingo de julho. Fora do calendário festivo, as primeiras sextas-feiras de cada mês concentram visitantes desde quando Pe. Libério era vivo. Aos domingos o movimento também é grande, visto que a missa matinal é especialmente dedicada aos romeiros. No entanto, em todos os dias do ano há visitantes.

5 A associação foi fundada em 01 de setembro de 1991, com o objetivo de implantar uma estátua de Pe. Libério na praça da igreja matriz de São Sebastião. Para tanto, os membros da associação promoveram bingos, leilões de bezerros doados em prol da causa, rifas e divulgaram anúncios em rádios da região. O valor arrecadado foi maior do que o suficiente para a construção da estátua e então a associação iniciou a construção do museu em dezembro de 1991 e a obra foi concluída em dezembro de 1996.

6 Os objetos expostos, em sua maioria, trazem a imagem sorridente de Pe. Libério: são terços, chaveiros, retratos, imagens do padre feitas em gesso, orações, medalhas, recipientes para acondicionamento de água benta.

7 Tais artefatos de barro são comumente encontrados na região, principalmente durante o preparo de estradas para pavimentação. Dentro das urnas mortuárias indígenas expostas no Museu ficam estocadas

ficam pertences de Pe. Libério (batinas, cartas, sandálias, fotografias, objetos litúrgicos e paramentos religiosos utilizados por ele durante a permanência em Leandro Ferreira, etc) expostos em vitrines; banheiros masculinos e femininos; lavatórios e um bebedouro.

A Sala dos Milagres está abarrotada de ex-votos⁸, objetos ofertados em retribuição a graças alcançadas, pedidos obtidos ou conquistas de metas. Apesar da aparente confusão que a cena sugere, geralmente os fiéis entram em grupo na sala e conseguem distinguir os objetos que ofertaram no passado, bem como a sua foto ou de conhecidos afixadas nas paredes e painéis. Muitas das oferendas vêm acompanhadas de fotos dos ofertantes e textos que relatam a circunstância em que a graça foi alcançada. A aflição do cotidiano inscrita nos ex-votos desvela desfechos dignos de agradecimentos atemporais e a promessa ou pedido, que na maior parte das vezes tem caráter individual e privado, tornam-se públicos.

Duas correntes e muitos elos

Os ex-votos mencionados acima evidenciam trocas de dádivas (MAUSS, 2004) que permeiam a relação entre santo e devoto. Em torno da devoção em estudo também são estabelecidas outras relações e práticas que trazem a lume motes para discussões antropológicas. Em especial, destaco as festas e peregrinações, especialmente quando vistas em seus entrecruzamentos com a política.

O debate acerca de uma caminhada penitencial é indicativo de tensas relações que envolvem a promoção da fé em Pe. Libério. Não se sabe quem realizou tal peregrinação pela primeira vez. A mesma é realizada na madrugada da Quinta-feira Santa para Sexta-feira da paixão e não é incentivada pelas igrejas locais. Os párocos alertam para o perigo do trajeto, pois na rodovia não há iluminação e o percurso é feito durante a madrugada. Além disso, é alegado que o momento deve ser de reclusão e adoração do Santíssimo.

garrafas a serem vendidas para acondicionamento de água benta. Se à primeira vista os grandes potes de cerâmica parecem destoantes da finalidade daquele local, um olhar mais apurado logo apreende que elas são entendidas como patrimônio da cidade, assim como Pe. Libério e suas “reliquias” o são.

⁸ No “Ensaio sobre a prece”, Mauss (1981) considera os ex-votos como orações materializadas. Tais objetos são entendidos pelo autor, a partir de uma perspectiva evolucionista, como fetiches, degenerações de orações mais espiritualizadas e individualizadas. Ao tratar da magia, Mauss (2003) também aborda as externalizações de crenças de coletividades que realizam ritos através de palavras e materializações diversas.

Em pequenos grupos, os penitentes partem de várias cidades da região (principalmente Nova Serrana, Bom Despacho e Pitangui) em direção à Leandro Ferreira. Após as longas caminhadas (que variam de 4 a 8 horas de duração), rezam na capela do túmulo de Pe. Libério. O merecido descanso se dá nos bancos próximos às fontes, nas calçadas e nas mesas dispostas em frente ao Museu pela associação mantenedora do mesmo, a ASAMPEL.

A associação, além de organizar o funcionamento especial do Museu durante a madrugada, realiza a venda de bebida e comida em barraquinhas na rua. Desse modo, enquanto os romeiros descansam, aproveitam para conversar com os amigos e se alimentar. Já com o fôlego retomado, as pessoas retornam para seus locais de origem em ônibus fretados ou em carros de parentes que os esperavam.

Quando perguntei a um leandrense sobre o que levaria os devotos a realizar a empreitada contrariando a igreja, ele foi incisivo: “Padre que a gente respeita aqui é Pe. Libério”. O apelo à racionalidade feito pelos que não incentivam a caminhada, baseado nos perigos do trajeto, não se sustenta. Para os que insistem na penitência os acidentes acontecem devido à falta de precaução de alguns caminhantes:

Acidente na Semana Santa todo mundo sabe que acontece, seja no caminho para Leandro ou para qualquer outro destino. O jornal sempre fala que têm mais problema na estrada nessa época. O que não pode acontecer é a gente que quer vir rezar não poder vir por causa da irresponsabilidade de alguns, que vêm no meio da rodovia, brincando, sem tomar cuidado... (fala registrada em caderno de campo)

Como nas romarias católicas pesquisadas em Portugal por SANCHIS (1983), as idas ao Pe. Libério também combinam devoção e diversão⁹. Segundo muitos devotos, aqueles que vão única e exclusivamente para se divertir são os responsáveis pela “bagunça”, o que não justifica que todos sejam privados de realizar a caminhada.

9 De fato, os modos de realização da caminhada penitencial são diversos. Um exemplo são atletas que fazem o percurso de bicicleta, para os quais a motivação de superar os quilômetros não é religiosa, mas de aventura e desafio aos limites do corpo. Atentei-me para essa questão ao observar que esses visitantes se satisfaziam ao chegar ao centro de Leandro, mas não subiam o morro que leva à capela do túmulo de Pe. Libério. Há ainda os que não são devotos de Pe. Libério e/ou católicos e outros que o são, mas que vão a Leandro Ferreira por diversos interesses além da visita ao túmulo do padre, como para aproveitar o lazer ocasionado pela grande movimentação de visitantes. É importante lembrar que o dia seguinte é um feriado, a Sexta-feira da Paixão, quando muitos não precisam trabalhar e, portanto, a “festa” pode se estender pela noite afóra. Já quando amanhece o luto à morte de Jesus Cristo deve ser respeitado e qualquer movimentação de caráter não religioso tende a ser censurada em nome da reclusão e oração.

Uma Moto Romaria é organizada pelo pároco local juntamente com um radialista. Os motoqueiros partem da cidade vizinha de Pará de Minas e seguem em direção a Leandro Ferreira. Tal evento é questionado por muitos, que não concordam com a promoção do mesmo, principalmente em face da falta de apoio da igreja em relação à Caminhada da Quinta-Feira Santa. Esta última é considerada como forma mais legítima de se aproximar de Pe. Libério por alguns, pois é caracterizada pelo sacrifício¹⁰. Nessa direção, chegar até a cidade de moto não tem o mesmo valor do que vencer o percurso a pé.

Além da valorização do esforço realizado no trajeto, os promotores da estrutura de recepção aos caminhantes penitentes questionam: “Se ele diz que caminhar é perigoso, imagina então vir de moto”. O padre organizador alega que a romaria promovida por sua iniciativa é segura, pois acontece durante o dia e recebe o acompanhamento da Polícia Rodoviária Federal e Estadual, Corpo de Bombeiros, Polícia Militar e uma empresa privada de planos de saúde. É justamente essa estrutura que é demandada na caminhada penitencial descrita acima que, segundo seus organizadores, é boicotada pela igreja local.

Descreveram-me a polêmica entre a Associação dos Amigos do Pe. Libério e o atual pároco local já na minha primeira ida à Leandro Ferreira. O conflito me foi apresentado de forma analítica: “isso é uma disputa entre duas correntes”. A explicação sobre as origens da “disputa” remonta ao “tempo do Pe. Ernani” e mostra que durante o sacerdócio do padre anterior a tensão não existia. Contudo, com a transferência deste último para outra paróquia e a chegada de Pe. Adelmo a situação mudou.

... esse [padre] já criou aquela rivalidade. Ele acha que o Pe. Libério é da igreja, o Pe. Libério não é um santo do povo não. Porque ele acha assim... ele é possessivo [...]. Então ele entrou em atrito com a associação. E com esse atrito então ele distanciou: hoje a associação funciona pra um lado e a igreja funciona pra outro lado. (Entrevista realizada em 16/11/2007.)

10 Hubert e Mauss (2005), ao se debruçarem sobre o sacrifício, evidenciaram a relevância da noção para inúmeras práticas sociais, e portanto, para a sociologia. Ao estudar a festa da Penha no Rio de Janeiro, Menezes (1996: 73) aponta a importância da dimensão sacrificial da devoção: “... na tradição católica, a dádiva se torna mais significativa, ou mais valiosa, quando implica em algum sacrifício por parte do devoto. No caso da romaria, esse sacrifício seria feito na ultrapassagem de dificuldades - de ordem física, material ou espiritual - para atingir o santuário.”

O atual padre não legitima a administração particular de bens que pertenceram a um membro da igreja. Sendo assim, defende que ele é quem deveria estar na direção da associação. Desse modo, o religioso, formado em direito e letras, judicializou a disputa.

Eu imagino que o padre deveria ser o presidente de uma associação que administra os bens de um outro padre, no caso considerado santo. Eu entendo que o pároco seria o presidente, é... vamos dizer, permanente. É lógico, é de justiça isso. [...] E a gente está em litígio, nós estamos na justiça porque nós estamos tentando reaver o museu. Porque ele não é bem administrado, se você for lá você vê que os próprios armários estão deteriorando. Eles não administram bem. [...] Uma que ela [a ASAMPEL] não tem autorização nenhuma, não foi uma instituição criada pela igreja. E ela administra os bens que são de um padre e são todos bens da igreja. Porque são roupas dele, são sandálias, tudo é da igreja. Ninguém pode questionar que isso não seja da igreja. Não é bem particular. Ele não deu para ninguém, não fez nenhuma doação. E o próprio lugar ali também, porque foi construído no terreno da igreja. (Entrevista realizada em 16/11/2007.)

Se “Pe. Libério é do povo”, alguns de seus fiéis reivindicam que a devoção ao sacerdote seja organizada como costumeiramente faz o “povo”: a partir de históricas relações de aliança. Essas, segundos muitos leandrenses, são extremamente permeadas pela “politicagem”:

Até não gosto que fala a palavra não, é politicagem. A política tem que estar em tudo mesmo, tudo é política. A política do turismo, a política da educação... mas infelizmente, vira politicagem. Leandro Ferreira, por exemplo, é uma politicagem que dá tristeza. Então é assim, é prefeitura para um lado, a igreja para o outro lado... É assim, cada um pra um lado. (Entrevista realizada em 16/11/2007.)

Outros moradores da cidade não apresentavam o mesmo ponto de vista sobre a política. Ela não deveria estar em tudo, mas devidamente circunscrita: “Você que é da universidade faz ciência. Ciência é ciência. Religião é religião. E política é política”. E no entanto, quando o pároco questionou a direção da associação – mais diretamente associada à assuntos religiosos – ele estava lidando com uma coordenação¹¹ que também estava na prefeitura – instituição entendida pelos nativos como política por excelência.

Outros interesses seculares, como os financeiros, também eram citados por leandrenses como as verdadeiras razões da tensão. “Isso aí acontece porque tem muito dinheiro em jogo”, sugeriu um comerciante local, pois “a igreja sempre foi assim, nós sabemos disso. É gananciosa”. E eu ainda ouviria posições menos sutis, que disparavam

11 O irmão do presidente da ASAMPEL foi prefeito por três mandatos na cidade, o que fez com que por muito tempo muitos moradores não vissem distinção entre a coordenação da associação e da prefeitura, bem como de outras instituições locais que eram dirigidas pelo mesmo grupo de familiares e seus aliados. O presidente da associação acumulava ainda as funções de presidente da rádio e diretor da escola.

contra o pólo oposto do embate, “eles não são amigos do Pe. Libério, mas do dinheiro que ele traz”.

Se as correntes opostas eram duas, os elos ligados a elas eram muitos e não necessariamente fixos a um pólo. Nas histórias que remetiam às origens do conflito entre igreja e associação percebi sendo desenhados continuamente esquemas de segmentaridade. Tal fenômeno de relatividade social, como sugere Goldman (2006), se encarado como processo e não como forma, pode ser entendido como fenômeno universal observável não só naquelas sociedades de linhagem classicamente tomadas como segmentais, como por exemplo, Os Nuer. (EVANS-PRITCHARD, 1978).

Os antagonismos foram se evidenciando enquanto eu tentava apreender como eles eram vividos como experiência religiosa e através dela. Praticamente todas as pessoas com as quais conversei em Leandro Ferreira falaram sobre o conflito acima descrito. É interessante notar que as entrevistas e conversas eram sobre a santidade de Pe. Libério, mas sempre culminavam na polêmica questão.

Desse modo, cheguei a cogitar um deslocamento no objeto da pesquisa: de uma antropologia da devoção que, de tão perpassada pelo político, apontava para uma antropologia da política (na acepção nativa desta, que compreende eleições, alianças com vistas a elas, profissionais políticos e afins). No entanto, as declarações de alguns devotos que seguem sua fé alheios ao litígio me apontaram direções importantes, visto que meus breves períodos em campo me impossibilitavam de apreender mais a fundo os re-delineamentos constantes da segmentaridade mencionada. Nesse sentido, busquei a extrapolar a ênfase na disputa local pela mediação entre os fiéis e o santo, sem, contudo, ignorá-la.

Todos reconhecem a influência de dimensões políticas, econômicas e religiosas no cotidiano devocional da cidade. Ressaltam a proeminência de algumas esferas, a interdependência entre elas ou uma necessária separação que, infelizmente na opinião de muitos, não acontece. Mas, sobretudo, havia algo que englobava e explicava como as relações se estabeleciam naquele contexto: a devoção a Pe. Libério.

Para entendê-la, busquei, passar “da lógica à cosmológica”¹². Esse movimento possibilita *insights* sobre a dinâmica de um campo religioso permeado sim pela política, mas, além disso, e porque não dizer, sobretudo movido por um imaginário católico que pode ser compreendido por seus fatores característicos, como por exemplo, o milagre. Antes, porém, recorro a questões que também auxiliam na compreensão da disputa observada em Leandro Ferreira, como a necessidade de uma santidade administrada.

A Santidade Oficial

Pe. Vicente é advogado do Tribunal Eclesiástico de Divinópolis e encarregado de coordenar a coleta de dados para elaboração de uma biografia sobre Pe. Libério que poderá subsidiar o processo de canonização de Pe. Libério. Segundo o entrevistado, Pe. Libério é um “servo de Deus”, o que significa o que o mesmo pode qualificar-se como candidato a santo e que pessoas já solicitaram abertura de processo oficial com tal finalidade. Contudo, para que tal processo seja instituído, é necessária a apresentação de uma biografia que prove que nada na vida do pesquisado deponha contra a expectativa de santidade. Pode-se dizer que há uma causa de beatificação/canonização de Pe. Libério, e não um processo.¹³

Somente depois que tivermos uma biografia, sem fantasias, sem histórias mirabolantes, porque o processo de beatificação e também de canonização não admite. Não admite fantasias, não admite histórias mirabolantes. Fatalmente, qualquer história fantasmagórica ou mirabolante vai emperrar o processo de beatificação, porque não é admissível. *Tem que se trabalhar no processo para beatificação e posteriormente no processo de canonização com a máxima seriedade científica e segundo a verdade, a verdade sobre os fatos da vida da pessoa.* (Entrevista realizada em 03/10/2007, ênfase minha)

As palavras de Pe. Vicente evidenciam a rigidez e conseqüente lentidão do processo de oficialização de um santo pela igreja católica. O Papa João Paulo II, que também ficou conhecido como o “Papa dos Santos”¹⁴, buscou tornar tal processo mais

12 Este foi o nome de uma mesa redonda que refletiu sobre o campo católico brasileiro na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, cujo debate influenciou fortemente os rumos tomados nas reflexões apresentadas.

13 Os trâmites necessários para canonização podem ser consultados nas “*normas para observar na instrução diocesana da causa dos santos*”, disponíveis em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_07021983_norme_po.html.

14 João Paulo II canonizou 482 santos, o que soma mais do que o total de 302 santos canonizados por todos os papas dos anos anteriores (1594 a 2004). (PEIXOTO, 2006) Seu pontificado, de quase 27 anos, foi o terceiro mais longo da história da Igreja. Falecido em 2005, o próprio Pontífice agora é um servo de

democrático e acessível e desconstruir a santidade como posto reservado à poucos. No entanto, o rigor na análise da vida dos servos de Deus continua a vigorar e quando historicizado pode ser mais bem compreendido e lançar luz sobre a forma como se dá atualmente o reconhecimento oficial da santidade.

Ao se debruçar sobre o histórico do desenvolvimento dos processos de canonização, Peixoto (2006) evidenciou como questões políticas e sociais condicionaram os modelos de santidade ao longo do tempo. De seres com poderes extraordinários aos quais pertenceram poderosas relíquias os santos se tornaram pessoas mais humanas e seguidoras dos ensinamentos de Cristo. Nota-se então que “a verdade” buscada nos processos investigativos com vistas à oficialização de santidade não é algo absoluto ou natural, pois variou ao longo do tempo e foi sustentada com base em diferentes saberes.

O processo de canonização submete a santidade ao crivo do exame crítico e, sendo assim, a dúvida só é sanada no momento de sua conclusão. Antes do aval do Papa o candidato não pode ser considerado ainda um santo, pois a investigação sobre essa condição ainda está sob julgamento e, portanto, sob suspeita. Sendo assim, as tradicionais honrarias dedicadas aos santos não podem ser dispensadas aos servos de Deus.¹⁵ Tais prescrições iluminam sobre a ausência de alusões a Pe. Libério na igreja matriz em Leandro Ferreira. A construção sobre seu túmulo, apesar de ser chamada por todos de “capela”, é justificada como algo oferecido a uma pessoa que foi importante para a cidade, e que, como tal, merece ser sepultada sob um túmulo que se destaque dos demais. A reprodução aos milhares da fotografia de Pe. Libério e também sua representação em estátuas, que ocorre em menor escala, é apontada como uma homenagem a uma pessoa querida.

Deus, cuja causa de beatificação e canonização é divulgada pelo site: <http://www.diocesidiroma.it/Beatificazione/>.

¹⁵ Dentre uma os itens de uma extensa lista, são proibidos, por exemplo, celebrações, peregrinações, a construção de igrejas ou capelas e a oferta de ex-votos. Tais cultos são permitidos pelo Vaticano apenas quando o servo de Deus torna-se um “beato”, o que ocorre após a confirmação de um milagre (conclusão do processo de beatificação). Nesse caso, contudo, a veneração deve ocorrer em âmbito geográfico restrito, geralmente o da diocese onde o beato tenha adquirido fama de santidade. Somente após a confirmação da ocorrência de um novo fato extraordinário o nome do candidato é incluído na lista dos santos, o Cânon, e em solenidade o Papa declara que o novo santo é digno de culto universal.

Segundo alguns leandrenses, Pe. Adelmo foi transferido para Leandro Ferreira com fins de conter os cultos considerados indevidos pela oficialidade católica no tocante à santidade. Sob esse prisma, o fato de o religioso ser versado tanto em direito secular quanto em leis canônicas é o que lhe dá munição para tamanha empreitada. A inobservância das prescrições citadas é potencializada com a demora dos processos de canonização e a administração da santidade, portanto, é tarefa delicada.

Os responsáveis pela criação e manutenção da causa junto ao Vaticano precisam lidar com situações paradoxais. Os milagres, por exemplo, são necessários aos processos e ocorrem a partir dos pedidos da intercessão dos fiéis. No entanto, se o culto é desestimulado pela vigilância da igreja que não quer perder o controle sobre as manifestações de fé, os pedidos podem ser minados.

A produção da verdade

Foucault (1999) atenta para a necessidade de *acontecimentalizar* a forma pela qual discursos são tidos e enunciados como verdadeiros. A proposta exige uma historicização radical, que torna inteligível como tais discursos são produzidos e colocados em funcionamento. Nas palavras do autor,

... numa sociedade como a nossa – mas, afinal de contas, em qualquer sociedade – múltiplas relações de poder perpassam, caracterizam, constituem o corpo social; elas não podem dissociar-se, nem estabelecer-se nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação, um funcionamento do discurso verdadeiro (Foucault, 1999: 28).

Nessa direção, a elaboração das biografias dos candidatos a santo, passo fundamental para a abertura oficial dos processos de canonização, pode dizer muito sobre o atual funcionamento do discurso oficial sobre a santidade. A adoção de métodos históricos de coleta de dados dotou os processos de uma aura de cientificidade, pois, segundo autoridades eclesiásticas, o objetivo dos mesmos é sempre a “verdade”. No entanto, como afirma Peixoto (2006: 156) ao analisar canonizações em curso, as biografias produzidas para subsidiar os processos apresentam textos apologéticos, que apontam mais para uma “operação publicitária” do que para pesquisas históricas cuidadosas.

Além dos debates em torno do que é privilegiado na elaboração das biografias, a produção da verdade também apresenta questões complexas no tocante à comprovação dos milagres. O acionamento da ciência para comprovar que um milagre não pode ser

explicado cientificamente é uma questão extremamente polêmica e levantada por diferentes vozes. No caso de Pe. Libério, por exemplo, um dos milagres mais famosos do sacerdote pode não ser passível de comprovação técnica pelos atuais métodos científicos. Como me explicou o responsável pelo processo,

... o incêndio de um posto de gasolina que de repente... diante da intervenção do servo de deus ainda vivo debelou aquele fogo. Não basta dizer “foi”, é preciso também uma comprovação técnica, por quais razões esse fogo teria parado com os tanques de gasolina ainda pela metade. [...] Depois teremos que trabalhar em cima disso aí. *E verificar também se compensa, porque depende-se um tempo muito grande, uma pesquisa muito grande em cima disso aí, depois não consegue dados técnicos que realmente comprovem, aí trabalhou-se em vão, vai ter que abandonar isso aí.* (Entrevista realizada em 03/10/2007, ênfase minha)

Além da limitação relativa à fundamentação em dados técnicos difíceis de se obter, assinalo o caráter precário da explicação científica. Afinal, um rápido olhar sobre a história revela que descobertas das diferentes ciências não são respostas definitivas. O problema é apontado por Peixoto (2006) da seguinte forma:

Se levarmos em conta os aspectos provisórios da explicação científica, todos os milagres realizados estariam sob suspeita. Algo que não pôde ser explicado em determinada época, talvez pudesse sê-lo hoje, assim como algo que não pode ser explicado hoje poderá sê-lo futuramente. (p. 220)

Ainda é necessário considerar a discussão que é promovida, principalmente, por antropólogos da ciência, que nos alertam que a atividade científica não se configura como um acesso direto ao real (LATOURE, 1994)¹⁶. Em “*A esperança de Pandora*”, Latour (2001) aborda os estudos científicos e observa o quanto é absurdo separar o que é pura ciência e o que é pura política, já que é justamente a impureza que permite a consecução do objetivo de ambos. Nesse sentido, a *translação*, operação que transforma termos políticos em termos científicos e vice-versa, consiste em combinar interesses diferentes em um objetivo composto.

Em outro intrigante trabalho, Latour (2004) compara *regimes de enunciação* e, em analogia com a teoria dos atos de fala, cartografa as *condições de felicidade* das atividades tratadas como acesso à verdade. A partir desses movimentos, o autor diz que ser generoso com o discurso religioso não significa atribuir-lhe uma inerente irracionalidade. A questão não é tornar ciência e religião dimensões incomensuráveis, mas apreender os regimes de enunciação de ambas:

16 A discussão não se restringe ao meio acadêmico: muitos devotos também problematizam tal questão e questionam a ciência como única explicação da realidade que vivenciam.

A religião nem mesmo tenta [...] alcançar qualquer coisa que esteja além, mas sim representar a presença daquilo que é designado, em determinado linguajar técnico e ritual, a 'palavra encarnada' — ou seja, *dizer* novamente que ela está aqui, viva, e não morta nem distante. Não tenta designar algo, mas falar a partir do novo estado que ela produz por sua maneira de dizer, seus modos de discurso. A religião, nessa tradição, tudo faz para redirecionar constantemente a atenção, obstando sistematicamente à vontade de se afastar, de ignorar, de se ficar indiferente ou *blasé*, entediado. A ciência, inversamente, nada tem a ver com o visível, o direto, o imediato, o tangível, o mundo vivido do senso comum e dos “fatos” robustos e obstinados. Bem ao contrário, como diversas vezes mostrei, ela constrói caminhos extraordinariamente longos, complicados, mediados, indiretos e sofisticados, através de camadas concatenadas de instrumentos, cálculos e modelos, para ter acesso a mundos ... (p. 360)

Peixoto (2006: 221) ainda indica um problema básico colocado pelas condições contemporâneas. “Como se pode ter certeza de que a cura de alguém ocorreu pela ação póstuma de um santo específico?” Afinal, como ressalta Teixeira (2005: 17), a plasticidade dos modos de ser católico no Brasil é caracterizada pela ampliação das possibilidades de proteção. Uma dupla ou tripla pertença religiosa – geralmente não captada por censos – pode implicar em invocação de várias entidades. Mesmo se os pedidos são restritos apenas ao universo católico, são muitas as causas e processos de canonização em curso, em sua maioria disponíveis na internet¹⁷, e sendo assim é possível que múltiplos pedidos de intercessão sejam feitos. Um depoimento intitulado “Você alcançou uma graça pelo Padre Libério?”, disponível na comunidade dedicada ao padre no Orkut¹⁸, é revelador da pertinência da questão:

Tenho 36 anos, tive câncer de mama aos 30 anos, porém depois de seis anos, tive uma recidiva [sic] com metástase óssea... fiquei desesperada... [...] Fui em Leandro Ferreira... quando entrei na capela pra receber as bênçãos do Santo Padre, senti uma emoção muito forte, que não tinha sentido até então, em toda a minha vida! Nossa, foi surpreendente, chorei copiosamente... eu, uma pessoa cética, tipo, São Thomé, ver para crer...foi indescritível o que senti naquele momento... [...] foi em novembro de 2006... Agora, em março, levei um exame para meu médico, ele ficou muitíssimo surpreso, porque a lesão óssea desapareceu, um fato incomum, muito incomum... mesmo fazendo quimioterapia, uma seqüela ainda deveria "aparecer" na cintilografia, sendo que ela desapareceu completamente! É um fato especial! *Também pedi muito a Jesus, rezei em súplica para o nosso Papa João Paulo, e fiz uma novena do Frei Galvão (das pílulas)...*

17 No site <http://www.saofreigalvao.com/index.asp>, por exemplo, é possível acender uma vela virtual ao solicitar uma graça ao santo brasileiro e acompanhar sua queima durante nove dias. Já na página de Padre Eustáquio – <http://www.padreeustaquio.com/> - pode-se preencher um formulário on-line solicitando a intercessão do beato. As solicitações recebidas são impressas e colocadas na cesta de pedido de oração localizada diante do túmulo do Padre Eustáquio na Igreja dos Sagrados Corações em Belo Horizonte.

18 Foi através da página de relacionamentos Orkut que contactei meus primeiros interlocutores, participantes das comunidades “Pe. Libério” e “Leandro Ferreira”. Respectivamente disponíveis em: <http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=629692> e <http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=456676>.

Fico em dúvida... ainda não posso afirmar quem me concedeu a graça em nome de Deus... Mas posso simplesmente afirmar que nunca senti tanta emoção quando entrei na igreja de Leandro Ferreira e pedi ao Padre Libério a minha cura... Foi extraordinário... logo eu, mulher de pouca fé, que custa derramar uma lágrima dos olhos... Pessoal, podem ter certeza, algo especial aconteceu comigo neste dia. Não sabia até então que tinha ocorrido algo extraordinário, mas, agora em março, quando fiz o exame, sei que algo aconteceu... Sou dentista, como profissional de saúde, sou muito ciência, ciência... Sempre busco a explicação científica... mas dessa vez, a ciência talvez não possa explicar... PODEM TER CERTEZA, ALGO ESPECIAL ACONTECEU NAQUELE DIA! (depoimento postado em 17/03/2007, grifo meu, caixa alta no original)

É em outra postagem de mesma data a devota explica como, a partir de uma revelação, a ciência poderá ser utilizada para testemunhar o milagre: “Pedi um sinal, sei que Deus vai me enviar este sinal... Se for comprovado que recebi um milagre de Padre Libério, irei testemunhar com as provas científicas, junto ao Bispo e à Igreja!” O depoimento, além de evidenciador das múltiplas invocações, ilumina sobre uma experiência pautada pelo extraordinário. A excepcionalidade do ocorrido intriga a devota, que se diz incrédula e orientada pela ciência, a ponto de ela novamente recorrer a um pedido para que a situação seja esclarecida. Qual esquema de interpretação prevalecerá dentre tantos possíveis?

Acredito que o fato de a própria igreja ter diminuído o valor dos dons extraordinários em prol das virtudes, e, no entanto, não ter extinguido o milagre como critério de canonização seja indiciário de algumas respostas. Sou pouco simpática à interpretação de Peixoto (2006), que entende a controvérsia “... como uma maneira de responder à demanda daqueles que, apegados às práticas devocionais do catolicismo brasileiro, interessam-se pela resolução de problemas concretos, tradicionalmente prometida pelos santos” (p. 236).

Penso que a questão extrapola um fluxo mecânico de demandas de fiéis e ofertas dos formuladores da doutrina católica. Sendo assim, é interessante trazer o milagre à baila não apenas como propulsor de debates sobre a validade científica, mas, de acordo com o que propõe Reesink (2005), como “... um componente fundamental para se compreenderem as relações, expectativas e crenças na construção da cosmologia católica”. (p. 267)

(In)distinções nativas: milagre, graça, bênção e cura

Segundo Reesink (2005), a lógica católica está “grávida” de milagres. Isso significa que as linhas de continuidade da religião sempre contemplaram a possibilidade

do fenômeno, que santificou homens ao longo da história, sacralizou lugares, gerou devoções e peregrinações. Entretanto, a autora destaca que, apesar da relevância do milagre na cosmologia cristã e mais especificamente no catolicismo, poucos foram os esforços em defini-lo.

No tocante ao catolicismo brasileiro, Zaluar (1980, 1983) foi uma das primeiras autoras a tratar do assunto e o fez por meio das interpretações nativas dos “homens de Deus”. A autora elencou quatro categorias básicas na organização do sistema cosmológico do catolicismo popular: *mal de Deus, castigo divino, promessa e milagre*. Os acontecimentos imprevisíveis e incontroláveis somente são ordenados e remetidos ao cosmos a partir de tais categorias. São elas que legitimam as relações sociais vigentes e explicam a ordem das coisas. “A ajuda dos santos era invocada para todos os acontecimentos em que existissem elementos de incerteza e que escapassem ao controle humano.” (1980: 169)

No contexto que observei notei (in)distinções feitas pelos devotos de Pe. Libério “milagre”, “graça”, “bênção” e “cura”. De um modo geral, a *bênção* é um ato de prevenção contra forças ruins. Ela protege do que é adverso e, sendo assim, é poderosa contra as doenças e pode levar à *cura* das mesmas, como mostra Silva (2005: 82): “Devido à humildade do Pe. Libério e o amor pelas famílias em desespero, ele recomendava os medicamentos e dava a bênção a todos ali reunidos. Normalmente as pessoas esqueciam-se dos medicamentos e o paciente era curado.”

O milagre é geralmente vinculado ao mirabolante e ao extraordinário. Os relatos não costumam ser precisamente datados, mas se referem aos fenômenos que foram atribuídos ao padre ainda em vida. Um milagre de Pe. Libério muito conhecido diz respeito a um evento inusitado. Conta-se que ele chegou atrasado em uma reunião da Diocese, a qual havia sido chamado para dar maiores explicações sobre seus propalados milagres. Quando chegou, o sacerdote colocou seu chapéu ao lado de outros que estavam pendurados na parede. Ao fim do encontro, a surpresa de todos foi grande quando notaram que os cabides disponíveis para acomodação dos pertences dos presentes estavam todos ocupados e que não havia nada que pudesse ter sustentado o chapéu de Pe. Libério. Apesar da ausência de suporte, o objeto do padre havia ficado imóvel rente a parede.

O “caso do chapéu” destaca-se na biografia de Pe. Libério pela sua singularidade face aos outros milagres relatados: não se trata de uma intervenção divina em prol da

coletividade, como no caso das fontes de água que voltaram a brotar; não se refere a uma cura ou a um castigo. No entanto, sempre é acionado como uma irrefutável confirmação da santidade e excepcionalidade de Pe. Libério.

Já as “graças” são mais relacionadas ao atendimento de pedidos mais palpáveis. Nesse sentido, “entende-se que uma graça para ser pedida e recebida é importante que haja o possível. Pedir que fosse dada uma boa hora, sem dores, sem tragédia, sem sofrimento é possível. Pedir que não quer morrer é impossível” (SILVA, 2005: 137). Um pedido de graça exitoso é uma graça “alcançada”. O alcance é gerado pela devoção ao santo, é necessário “pegar com Pe. Libério”, ou seja, rezar muito pela intercessão do sacerdote. Além disso, o devoto deve se utilizar dos recursos que tem disponíveis para chegar ao seu objetivo. Os meios utilizados podem ser o estudo, o trabalho ou a observação de recomendações médicas, dentre outras possibilidades. Nesse sentido, o pedido de uma graça envolve também um esforço do demandante, que deve merecer receber a “ajuda” do santo.

É importante ressaltar que as distinções entre milagre e graça também são motivadas pela recomendação de não chamar de milagres pedidos supostamente alcançados por intercessão do candidato a santo em processo de canonização. Silva (2005: 57), entretanto, salienta: “É bom que fique bem claro que, para muitos, ou para quase todos os devotos do Pe. Libério, graças alcançadas, 'são milagres'”. Meireles (2004:8) é enfático na direção oposta:

Quanto aos milagres atribuídos ao sacerdote, salientamos que cabe exclusivamente aos teólogos do Vaticano se pronunciarem quanto à sua autenticidade, depois da conclusão de processo acurado, metucioso e demorado. Somos leigos, o que nos impede de manifestar-nos com segurança, por tratar-se de assunto questionável, de difícil entendimento e, muitas vezes, diferenciado do julgamento do cristianismo popular.

Hamdam (2002: 32-36), de modo original, ao narrar casos de bilocação e levitação de Pe. Libério, os aborda como “fenômenos parapsicológicos extranormais”. As mensagens que acompanham os ex-votos já mencionados também evidenciam a diversidade de interpretação do que pode ser um milagre. Para muitos devotos não só a cura, mas a admissão em um emprego; a compra de um bem valioso, como a casa própria, o veículo ou uma moto; a aprovação no vestibular ou em concurso público constituem feitos possíveis somente por meio de um milagre.

Os feitos de Pe. Libério entendidos segundo o regime de milagre

Segundo Reesink (2005), a sobreposição das noções sobre as modalidades de intercessão divina acima citadas revela mais do que uma simples dificuldade de definição. A autora problematiza o milagre como uma categoria maior que envolve outras: bênção, cura, graça, sinal e aparição. Desse modo, não há uma hierarquização das modalidades de intervenção divina, todos esses acontecimentos sobre-humanos ocorrem segundo um *regime de milagre*, no qual “... se institui um contexto em que se movem e, até certo ponto, dependem as relações e ações construídas e representadas na cosmologia católica.” (REESINK, 2005: 270)

Uma dimensão importante presente no regime de milagre é a sacralização, que tem como consequência a proteção. O espaço é sacralizado, como vimos que aconteceu com vários lugares de Leandro Ferreira e com o município como um todo, ao qual muitos se referem como a “cidade da fé”. Também a própria imagem de Pe. Libério reproduzida à exaustão sacraliza e protege os espaços nas quais é colocada.

Outra dimensão constituinte do *regime de milagre* é a relação entre pedido e ajuda, geradora da aliança entre fiel e santo. Mas a devoção cotidiana, realizada por meio de variados canais, tais como orações, novenas e missas, também cria uma relação de proximidade com o santo que pode fazer com que ele se antecipe às solicitações dos fiéis. Nesse sentido, Zaluar (1983) observou que os milagres não aconteciam somente após pedidos de intercessão. Nesses casos, é a fé constante no santo que explica a intercessão do mesmo em algum evento inesperado.

Silva (2005: 144-143) relata um caso ilustrativo deste tipo de atribuição e que também remete à sacralização do espaço promovida pela imagem de Pe. Libério. Uma senhora ganhou, juntamente com uma fazenda que lhe era de direito hereditário, uma fotografia do sacerdote. O retrato foi afixado em uma casa velha da fazenda. Dias após a tapera caiu, menos o cômodo em que se encontrava a fotografia. Após chuvas e tempestades o quarto também desabou, com exceção da parede onde estava o quadro de Pe. Libério. “Diante das evidências, Caínda [a dona da fazenda] construiu uma Capelinha ali mesmo, onde estava o quadro”. A fazenda passou a se chamar Fazenda Pe. Libério.

Como em relato semelhante analisado por Zaluar (1983), percebe-se que não era colocado em dúvida que as chuvas e tempestades fossem as razões da tapera ter desabado. No caso aqui descrito, o que transgride a “ordem natural” das coisas, no entanto, é o fato da parede onde estava o quadro de Pe. Libério não ter caído, o que não foi entendido como acaso. E a analogia com as explicações dos Azande estudados por

Evans-Pritchard (2005) para os infortúnios, como sugere Zaluar (1983), é inevitável. Se muitos atribuem o desenrolar de alguns fatos à sorte, coincidência ou acaso, os Azande apontam o feitiço ou bruxaria como a causa de desfechos ruins relacionados à doença, acidente, morte, má colheita, etc. Já os católicos apontam a intervenção divina manifestada por intercessão de seus santos de devoção para explicar eventos (no caso, não necessariamente os de desfecho ruim).

Ressalto ainda que a analogia entre a noção de milagre aqui colocada e a noção de bruxaria entre os Azande também pode ser pensada acerca da articulação entre juízos morais e a atribuição de responsabilidade pessoal. Nesse sentido, cito os “milagres” nos quais a intercessão do santo é apontada com objetivo de castigar alguém. Zaluar (1983) observou que o poder dos santos nesse caso, apesar de não ser benéfico para um indivíduo específico, o é para a comunidade. Desse modo, o castigo originado a partir da má intenção de um indivíduo é legitimado segundo as normas sociais vigentes.

É nessa direção que se situa a mensagem de um dos milagres de Pe. Libério mais exaustivamente relatados. Pe. Libério teria irritado profundamente um fazendeiro ao realizar, em segredo, o casamento da filha deste último com um jovem muito pobre. O fazendeiro solicitou que Pe. Libério fosse até sua propriedade. Sua intenção era matá-lo. Quando o sacerdote chegou ao local era o fazendeiro que estava morto, inexplicavelmente.

Os milagres que se revestem do caráter de castigo, bem como outros milagres de reconhecimento partilhado, se referem a pessoas sem nome, porém representativas daquelas que rodeavam Pe. Libério: o fazendeiro, o jovem pobre, etc.. Mas ao contrário do castigo, os benefícios decorrentes das ações de Pe. Libério não são direcionados a pessoas específicas, mas à comunidade em geral, como foi no milagre da extinção do incêndio do posto de gasolina.

Os relatos remetem à Pe. Libério como um ser excepcional e a potência dessa condição especial é reatualizada pelos devotos por meio da tradição oral: “O caso do chapéu é famoso, realmente *onde ele ia* ele pendurava o chapéu sem o apoio, impressionante”. (grifo meu) Toda pessoa que acredita em Pe. Libério tem um bom repertório de milagres, graças e afins para relatar aos pesquisadores, céticos, crentes e quem mais queira ouvir. Ressalta-se também a consideração da importância da dimensão hagiográfica, que consiste principalmente na preservação escrita da memória sempre atual e miraculosa dos santos, haja vista as várias publicações sobre a vida e os milagres de Pe. Libério.

Considerações finais

Quase tudo gira em torno de Pe. Libério em Leandro Ferreira, o que não significa ausência de disputas nas relações estabelecidas em torno da devoção em questão. Ao invés de consenso, relações tensas foram observadas, principalmente no tocante à organização das festas locais, que claramente atentam contra expressões clássicas de comunidade propostas por Durkheim (2003).

Se para a Igreja “oficialmente não há uma devoção”, para muitos devotos a fé em Pe. Libério precisa ser promovida e difundida. Contudo, tal afirmativa precisa ser considerada de modo a não reificar dicotomias, como, por exemplo, popular e clerical, popular e oficial, popular e erudito. Tais polarizações podem ser elucidativas, mas também podem encobrir complementaridades relevantes.

Não há um “Pe. Libério do povo” e outro “da igreja”. A devoção observada acontece apesar de Pe. Libério não ser reconhecido como santo pela igreja católica, mas também se dirige a esse objetivo. Percebi que, se por um lado, para os fiéis a santidade de Pe. Libério independe do título oficial; por outro ela ganharia maior legitimidade com ele, pois os devotos consideram-se católicos, e, portanto, pertencentes à estrutura hierárquica da igreja. Nas palavras de Menezes (2004: 16),

Embora a hierarquia detenha o poder de reconhecer práticas devocionais que ocorrem em determinado lugar como católicas ou não (...); esta mesma hierarquia depende da concordância dos devotos de que seu julgamento foi acertado, para garantir não só a persistência do culto no local, mas também para manter-se enquanto hierarquia religiosa, isto é, enquanto uma instituição socialmente reconhecida como capaz de identificar as verdadeiras manifestações do sagrado. A afluência contínua dos fiéis àquele local sustenta a proclamação da hierarquia, mas na verdade garante também a própria hierarquia enquanto tal.

Nesse sentido, busquei observar a perspectiva clerical de modo a não opô-la automaticamente a dos fiéis, o que implicou considerar as diferenças entre Igreja e devotos em seus entrecruzamentos e dissonâncias. Ademais, é preciso considerar que os devotos não constituem uma massa homogênea e o mesmo se passa com os envolvidos provenientes de quadros clericais. Nessa direção, a ótica da segmentação “desnuerizada” de Goldman (2006) me auxiliou a trazer a lume alianças e outras formas de relatividade social relevantes para o entendimento do contexto observado.

Não transportar as modalidades de relação em pauta de maneira mecânica para o plano da política significou um exercício norteador desse trabalho. Acredito que realizei tal empreitada também ao balizar a etnografia inicialmente situada em Leandro Ferreira

através de movimentos de aproximação e distanciamento do contexto daquele município. Tais deslocamentos, que não foram de fácil operacionalização, possibilitaram a apreensão de questões mais amplas relativas ao tema pesquisado e uma conseqüente abertura de inúmeros horizontes de investigação.

Assim, observei a mediação de certos sentidos católicos nas ações dos devotos de Pe. Libério, sem, no entanto, compartimentá-los à esfera do religioso em sentido estrito. Para tanto, foi importante considerar a cosmologia milenar da Igreja - na qual os milagres estão presentes desde o antigo testamento e posteriormente de modo a comprovar que Jesus Cristo era a verdade encarnada - como pano de fundo para o entendimento de como os códigos religiosos proclamados por ela são submetidos aos riscos empíricos (SAHLINS, 2003) pelos fiéis e pelos próprios membros dos quadros da instituição.

O olhar para a construção de regimes de verdade possibilitou a análise de questões diversas referentes à santidade. Nas primeiras ações com vistas à canonização de Padre Libério, a “busca da verdade” é operada pelo advogado do processo, para o qual não basta a fé, é preciso a prova; seja ela proveniente de depoentes (de quem deve-se desconfiar) ou da ciência. Os devotos também buscam fatos comprobatórios, não por duvidarem, mas para reafirmar a santidade de seus intercessores junto a Deus. Tais lógicas articuladas revelam que a ciência não é entendida aqui como antídoto para a ilusão gerada pela crença, mas como um recurso que potencializa o mistério do miraculoso. Afinal, médicos e demais cientistas são chamados para confirmar que não há explicação possível nos moldes racionais para os fenômenos atribuídos aos candidatos a santo.

Nesse âmbito, compreender o funcionamento do *regime de milagre* em Leandro Ferreira e demais áreas de abrangência do fenômeno Pe. Libério me possibilitou seguir a trilha de Latour (2004), que, como mencionei no tópico sobre a produção da verdade, é incisivo quanto à necessidade de compreensão de regimes de enunciação próprios aos discursos, sejam eles religiosos ou científicos. É por meio do relato dos milagres que os fiéis atualizam feitos extraordinários dos santos. E se as “verdades” produzidas por diferentes discursos não se excluem, é necessário que elas sejam compreendidas em suas especificidades, mas também em suas intercessões. Meu percurso, portanto, não poderia ter sido em um trajeto único. Apesar de ter consciência que ao optar por me

enveredar por diversos caminhos eu poderia me perder, busquei me orientar pelo fato de que eu estava buscando dar conta de um fato social total (MAUSS, 2003). Por isso essa antropologia que é do sagrado, do político, da ciência, do milagre...

Referência bibliográficas:

- ANTÔNIO, J. *A Vida Santa de Padre Libério*. (3ª ed.) Milagres, Orações. Leandro Ferreira: Edições do autor, 1997.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ETELVINO, S. *Padre Libério, O Santo do Oeste de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1989.
- EVANS-PRITCHARD, E. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- HAMDAN, Z. *Caminhada da Santidade*. Breve História do Padre Libério. Edição da autora: Bom Despacho, 2002.
- LATOUR, B. "Não congelarás a Imagem", ou: como não desentender o debate ciência-religião. *Mana*, 10 (2): 349-375, outubro de 2004.
- _____. *A Esperança de Pandora: ensaio sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- _____. *Jamais Fomos Modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- MAUSS, M. "A Prece". In: *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- _____. "Ensaio sobre a dádiva" e "Esboço de uma teoria geral da magia". In: *Sociologia e Antropologia*. Cosac Naif, 2004.
- MAUSS, M.; HUBERT, H. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naif, 2005.
- MEIRELES, M. *Pe. Libério: Pobreza, humildade e fé*. Edição do autor: Pará de Minas, 2004.
- MENEZES, Renata de Castro. *Devoção, Diversão e Poder: um estudo antropológico sobre a Festa da Penha*. Dissertação (mestrado) – MN/UFRJ, 1996.
- PEIXOTO, M. "Santos da Porta ao Lado": os caminhos da santidade contemporânea católica. Tese (doutorado) – UFRJ/IFCS, 2006.
- REESINK, M. Para uma antropologia do milagre: Nossa Senhora, seus devotos e o Regime de Milagre. In: *Caderno CRH*, Salvador, v. 18, n. 44, p. 267-280, Maio/Ago. 2005.
- SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- SANCHIS, P. *Arraial: festa de um povo, as festas católicas portuguesas*. Lisboa: Dom Quixote, 1983.
- SILVA, J. *O Santo de Nossa Fé! Pe. Libério, Origens Históricas e o Clero*. Bom Despacho: Edição do autor, 2005.
- TEIXEIRA, F. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: *Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 14-23, setembro/novembro 2005.
- ZALUAR, A. *Os homens de Deus. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- _____. "Milagre e Castigo Divino". In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, n. 5, Junho, 1980